

INFORMAÇÕES

Ofertório mensal para a igreja nova:

Por ser o 2.º domingo do mês, o Ofertório das Missas deste domingo reverte a favor da construção da nova igreja e centro paroquial. Seja generoso(a)!

Visita Pascal:

Decorreu com muita alegria e fé a Visita Pascal deste ano. Estão de parabéns todos os que integraram a Equipa do Compasso Pascal, este ano dinamizada pelo Sr. Martinho Cerqueira. Em nome pessoal e em nome de toda a paróquia, o pároco agradece ao Sr. Martinho e a toda a Equipa do Compasso pelo seu trabalho realizado com alegria, dedicação, empenho e espírito cristão. Agradece ainda as ofertas pessoais generosas que lhe foram entregues como “folar”, que manifestam a amizade e estima que por ele nutrem, e comunica que, como vem fazendo desde que é pároco do Senhor do Socorro, as encaminhou para a construção da

nova igreja. A todos agradece e pede que o Senhor abençoe e retribua com abundância. Bem hajam!

Donativos para a nova Igreja e Centro Paroquial:

Foram entregues esta semana os seguintes donativos para a construção da nova Igreja e Centro Paroquial: "Sócios da Boa Vontade" (Grupo de Utentes do Centro de Convívio) – 45 €; Ana Rodrigues de Sousa Lima – 20 € (mensal); António Maria Pereira Mota – 20 € (mensal); Dorinda Moreira Esteves – 5 €; Anónima – 20 € (mensal); Maria da Conceição da Silva Gonçalves – 10 € (mensal); Maria da Conceição Freitas da Lomba – 20 €; Rosa da Conceição de Sousa Costa – 20 €; Anónimo – 5 €; Zulmira Domingues de Sousa – 20 €; Élia da Ressurreição Costa (de Gouveia) – 50 €. Bem hajam!

MISSAS

Dia	Hora	Intenções	
12	Seg	18,30	Rui Manuel Pereira da Silva; Eduardo Peres da Silva; António da Costa Pereira, esposa e filha; Almas do Purgatório mais abandonadas; 7 jovens falecidas em acidente; José Bastos; Luís Miranda e familiares; Carolina de Miranda e João Mesquita; Laura Alves; Delfim Passos de Sá e pais
13	Ter	18,30	Ana Magalhães e família; António Matos, esposa e filhos; Carlos Alberto Viana da Cunha Matos
14	Qua	18,30	Manuel Jesus Ribeiro; Maria Isabel Coelho Fernandes; Glória Martins Coelho, Amélia de Jesus e José Pedro; Narciso Manuel Moraes Santa Marinha; António Gomes de Sousa (aniv.)
15	Qui	18,30	Manuel Viana, Rosa Vaz e Luzia Vaz
16	Sex	18,30	Teresa Miranda e Crispim de Jesus Freitas; Rosa Lourenço e José Rodrigues Alves
17	Sáb	18,30	Joaquina de Jesus Pereira, Manuel Falcão, Marcelina de Jesus, José Pereira; Manuel Freitas da Silva; Miguel Alves Calçada; Miguel Martins Calçada; Carminda Alves Calçada; Sábado de cada mês: Inácio Miranda e família; Joana Negrão e marido; Manuel Mendes; José Castro; Armando Martins Arezes e Ilda Amoroso
18	Dom	10	José Luís Cruzeiro; Alice Pereira de Passos; Arlindo da Guia Silva; Jandira Alves Vieira e José Mota; Ana da Conceição Cruzeiro

PARÓQUIA VIVA

N.º 482 – 11/04/2010

Boletim Litúrgico-informativo • Senhor do Socorro - Viana do Castelo

Telefone: 30 200 99 91 / 258 80 67 56 / Telemóvel: 93 63 22 123 / Fax: 258 80 67 59

E-mail: paroquiasocorro@sapo.pt / Web: paroquiasocorro.no.sapo.pt • Sai todos os Domingos e Dias Santificados



2.º Domingo da Páscoa – Ano C



«Oito dias depois, estavam os discípulos outra vez em casa e Tomé com eles. Veio Jesus, estando as portas fechadas, apresentou-Se no meio deles e disse: “A paz esteja convosco”. Depois disse a Tomé: “Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; aproxima a tua mão e mete-a no meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente”. Tomé respondeu-Lhe: “Meu Senhor e meu Deus!”. Disse-lhe Jesus: “Porque Me viste acreditar: felizes os que acreditam sem terem visto”.» (Evangelho)

E Jesus dormia...

Por: António Rego

Nunca as águas foram tranquilas nem os ventos favoráveis. Ou melhor, o tempo da tranquilidade foi o mais perigoso

Quando menos se espera levanta-se uma tempestade. Num lago rodeado de montanhas, aparentemente protegido. Com pescadores experimentados, batidos por todos os ventos e habituados às águas agitadas. Da arte de marear todos sabiam mais que Jesus. Todos, porém, para Ele se voltam pedindo socorro. E Ele parecia nem ouvir os primeiros gritos de aflição, pois simplesmente dormia. Como não sentiu o bramir das ondas ou os roncões do

vento ou a braveza daquele pequeno oceano. Mas os discípulos, com o pânico na alma pediram socorro. Possivelmente os gritos eram mais medo que perigo real. O medo é um terrível inimigo para os que navegam em qualquer embarcação da vida. Com um ligeiro sinal, Jesus acalmou a tempestade. E chegaram tranquilamente à margem aqueles que quase se consideravam naufragos.

E a barca da Igreja. Ventos e tempestades, Pedro e os outros, sopros do Espírito e violência de vagas alterosas para uma nau que sempre se reconheceu como frágil. Sempre assim foi na sua história. Nunca as águas foram tranquilas nem os ventos favoráveis. Ou melhor, o tempo da tranquilidade foi o mais perigoso, deixando as mãos fora do leme, o olhar distraído do farol, os pescadores esquecidos da missão, os mestres de bordo entretidos com fardas e galões. Estonteados com o poder aliaram-se a ricos e criaram silêncios cúmplices. Até que uma onda, um baixo, uma escuridão repentina, um mar de levante, pareciam apoderar-se do barco e provocar-lhe um tombo ou um rombo não distante dum possível naufrágio. Como sempre, todos se voltam para o Mestre pedindo a acalmia do vento e das águas quantas vezes adversas por desleixo dos timoneiros.

(Continua na pág. 3)

2.º Domingo da Páscoa – Ano C

LITURGIA DA PALAVRA

1.ª leitura: Act. 5, 12-16

2.ª leitura: Apoc. 1, 9-11a.12-13.17-19

Evangelho: Jo. 20, 19-31

- O segundo nome do amor -

Foi o Papa João Paulo II que, dez anos atrás, aquando da canonização da Irmã Faustina Kowalska, determinou que o domingo a seguir à Páscoa “de agora em diante na Igreja inteira tomará o nome de ‘Domingo da Divina Misericórdia’ ”.

Com efeito, “nas diversas leituras, a Liturgia parece traçar o caminho da Misericórdia que, enquanto reconstrói a relação de cada um com Deus, suscita também entre os homens novas relações de solidariedade fraterna”. Na verdade, “Cristo ensinou-nos que o homem não só recebe e experimenta a misericórdia de Deus, mas é também chamado a ‘ter misericórdia’ para com os demais”.

De facto, “Ele indicou-nos os múltiplos caminhos da misericórdia, que não só perdoa os pecados, mas também vai ao encontro de todas as necessidades dos homens. Jesus inclinou-se sobre toda a miséria humana, material e espiritual”.

Beneficiários privilegiados desta divina misericórdia foram todos os catecúmenos que, na vigília pascal, receberam a graça do baptismo e que, tradicionalmente, hoje depunham a túnica branca – domingo ‘in albis’ – para regressarem à vida normal, agora transformados por dentro.

Também o apóstolo Tomé nos aparece como grande beneficiário desta misericórdia, feita condescendência para com a sua exigência para acreditar no Cristo ressuscitado.

Igualmente beneficiários somos todos nós, a quem o Senhor ressuscitado dirige a sua saudação – “a paz esteja convosco!” –, nos torna participantes da sua missão e nos envia o seu espírito de perdão. Como afirmava então João Paulo II, “a sua mensagem de misericórdia continua a alcançarnos através do gesto das Suas mãos estendidas rumo ao homem que sofre. Foi assim que O viu e testemunhou aos homens de todos os continentes a Irmã Faustina”.

“Ao fixarmos o nosso olhar n’Ele, ao sintonizarmo-nos com o Seu Coração de Pai, tornamo-nos capazes de olhar os irmãos com olhos novos, em atitude de gratuidade e partilha, de generosidade e perdão”.

Só “na medida em que a humanidade souber o segredo deste olhar misericordioso” é que se tornará “realizável o quadro ideal, proposto na primeira leitura: A multidão dos que haviam abraçado a fé tinha um só coração e uma só alma. Ninguém chamava seu ao que lhe pertencia, mas, entre eles, tudo era comum”.

É este o caminho para que a misericórdia se torne no jeito de nos relacionarmos uns com os outros e num projecto de comunidade, caracterizado pela partilha a todos os níveis. Esta é a melhor maneira, lembrava João Paulo II, de nos fazermos “próximos dos irmãos mais necessitados”.

Banhados por esta divina misericórdia, torne-se cada um de nós agente desta misericórdia junto de todos os nossos irmãos!

Pe. José de Castro Oliveira

Catequese desaproveita inclinação para a religião

Encontro Nacional insiste na preparação dos catequistas e na diversificação de conteúdos

A catequese está a negligenciar a inclinação para o religioso inerente à personalidade das crianças e adolescentes, considera a responsável pelo Departamento de Formação do Secretariado Nacional da Educação Cristã.

Em entrevista à Agência ECCLESIA, Cristina Sá Carvalho sublinha que a abertura à simbólica e à estética, assim como a preocupação pela distinção entre o bem e o mal, constituem algumas das estruturas psicológicas dos mais novos que favorecem a adesão à transcendência.

A psicóloga destaca também a frequência com que as crianças e adolescentes anunciam os conteúdos cristãos e convencem familiares e amigos a aproximarem-se da Igreja: “Há muitos casos em que eles levam a mensagem para casa e trazem os pais e colegas da escola à catequese”.

A formação técnica e espiritual e a diversificação dos conteúdos são alguns dos temas em foco no Encontro Nacional de Catequese, que decorre no Funchal.

No entender de Cristina Sá Carvalho, a catequese não pode ser uma “experiência escolar” centrada na “transmissão da doutrina”, pelo que é preciso reforçar as dinâmicas que dão mais importância à Palavra de Deus e à liturgia.

Por outro lado, o testemunho e a “qualidade da experiência da fé do catequista” são questões centrais “numa catequese que quer converter, fazer discípulos e pessoas que vivem com alegria uma vida em Cristo”, explica a professora universitária.

“Não podemos dar o que não temos. Se a fé do catequista não é robusta nem contagante, ele não consegue comunicar nada de válido”, sintetiza.

“As crianças e jovens estão 10 anos connosco e a seguir o que é que acontece? Que tipo de transformação na sua vida, que tipo de prática cristã, de intervenção na sociedade e de liderança é que estes miúdos são capazes de fazer?”, questiona Cristina Sá Carvalho, que admite a necessidade de rever materiais, tempos e espaços da catequese, mas sem que essas alterações se possam considerar uma “revolução”.

E Jesus dormia...

Por: António Rego

(Continuação da 1.ª pág.)

Assim foram rolando as ondas do tempo e as vagas dos séculos, as espumas dos modos e modas, as fraquezas dos lemes que muitas vezes perderam o sentido do porto. E o Mestre sempre lá, acompanhando a viagem, vigiando o mar numa espécie de sonolência distraída e desinteressada desse percurso breve de séculos e milénios, insignificantes, face aos oceanos da eternidade.

Desde que partiu do cais de embarque a Igreja mesmo una e santa acumulou trações, pecados, corrupção de poderes e costumes, rasgos cruéis na túnica inconsutil, concubinatos sacrílegos do sagrado com o profano, volúpias de grandeza e oiro, estreiteza orgulhosa de olhares intolerantes sobre pecadores e dissidentes. Tudo isso ao lado do coro imaculado e vibrante dos Cento e Quarenta e Quatro Mil que nunca deixaram de entoar ao Cordeiro o hino sempre novo da humanidade remida e do Ressuscitado que recebe os frutos da semente do bom semeador. E que nos pergunta nas viagens das nossas pequenas tormentas: porque temeis, homens de pouca fé?